

FORMAÇÃO DO CLERO

ORIENTADO POR D. JOSÉ MANUEL IMBAMBA

Dia 25 de Março (segunda-feira)

“Ser sacerdote hoje, em São Tomé e Príncipe”

De 25 a 27 de Março, decorreu uma formação ao clero da Diocese, orientada por D. José Manuel Imbamba, Arcebispo do Saurimo (Angola).

No dia 25, o tema foi: “Ser sacerdote hoje”.

D. José Imbamba, na sua exposição, salientou estes aspectos:

. Somos sacerdotes num mundo concreto, com a sua cultura, a sua história. O nosso ministério só será frutuoso se tivermos em conta a realidade onde somos chamados a viver a nossa missão;

. Isto exige uma amadurecida preparação intelectual, mas também uma profunda vida espiritual;

. O grande desafio que hoje enfrentamos é o secularismo, com uma inversão completa” de valores e uma tentativa de redução da fé ao sector privado e a uma “mezinha” curativa;

. Isto pode provocar danos à nossa própria identidade, podendo transformar-nos numa espécie de funcionários das coisas do espírito; levando-nos ao subjectivismo, ao individualismo, à cultura do ter, ao consumismo, a criarmos vidas paralelas...

. Estas atitudes podem levar ao cansaço, ao desânimo, ao esvaziamento de sentido do nosso sacerdócio.

. Confrontamo-nos também com uma sociedade invadida pelas “seitas”, com suas “mezinhas” milagreiras; com uma mentalidade feiticista; forte incidência do “alcoolismo”; crise na família; convulsões políticas e ideológicas.

. Não podemos igualmente esquecer os “escândalos” na Igreja: pedofilia, padres com filhos, assédio sexual e abusos de todo o género.

. Somos filhos do nosso tempo, e o nosso tempo é este.

Como ser resposta a estes desafios da sociedade do nosso tempo?

1. Ter consciência de que fomos ordenados para ser servos da humanidade, chamados a “representar” Jesus Cristo, a ser sal e luz do mundo; a ser pastores; a ser mensageiros do projecto de salvação de Cristo.
2. Há que assumir a realidade, ter consciência dos valores e contra-valores que enfrentamos na nossa missão e procurar transformar esta realidade a partir do nosso sacerdócio vivido num caminho de fé. Não somos nós os protagonistas, mas Cristo é que deve ser o “centro” do nosso anúncio e vida.
3. Levar Deus às pessoas e as pessoas a Deus, comprometidos com a Igreja que nos envia a servir.

Do trabalho de grupos, surgiram as seguintes ideias sobre as características da sociedade santomense::

1. Um país multi e intercultural, resultante de uma realidade insular e crioula, onde a natureza exuberante marca uma presença indelével;
2. Uma sociedade igualitária, sem tribos ou grupos étnicos que se afirmem superiores aos outros;
3. Uma sociedade em que o conceito de família aparece diluído, desvalorizado ou inexistente;
4. A presença do sincretismo religioso ou ainda de uma cultura marcada pelo feiticismo;
5. Uma cultura providencialista, ou seja, um povo que vive do hoje ou do agora, sem grandes compromissos com o amanhã ou com um programa a longo prazo;
6. Uma juventude marcada pelo desejo de emigrar;
7. Um contexto sócio-político marcado pela instabilidade e o utilitarismo;
8. Uma sentida falta de respeito pelo corpo podendo ser uma das razões para a grande dificuldade de fidelidade no matrimónio;

9. Abandono dos idosos com fáceis acusações de serem feiticeiros;;
10. Sente-se um grande déficit de autoconfiança e auto-estima
11. Apesar de tudo, o povo é hospitaleiro e alegre, de índole generosa e de excelente acolhimento do outro.

A partir desta realidade, como desafios do ser sacerdote, foi destacado:

1. Ser um constante sinal de Cristo no meio do povo, ser sal e luz, lutando contra a ideia do sacerdote mágico, com dons de adivinhação e coisas do género;
2. Ser próximo das pessoas, paciente, modelo de vida, evitando escândalos e salientando-se como pessoa espiritual que reza, que perde tempo diante do Santíssimo...
3. Fazer-se presente junto dos mais desfavorecidos, orante, alegre e disponível;
4. Dar uma particular atenção à família, acompanhando de um modo especial os casais jovens;
5. Aparecer como alguém que está com o povo, mas que não se deixa escravizar por visões e culturas anti-evangélicas;
6. Ser curador de almas, com palavras e atitudes curativas, assumindo com verdade a sua missão sacerdotal sem cair na banalização;
7. Ser pai, conselheiro, médico das almas, amando e servindo a Igreja e em Igreja.

Dia 26 de Março (terça-feira)

CONSAGRAÇÃO SACERDOTAL E AUTO-SUSTENTABILIDADE

CONSAGRAÇÃO SACERDOTAL

Neste dia, D. José Imbamba, na sua exposição, centrou-se na Consagração Sacerdotal, salientando os votos de castidade (onde o celibato sacerdotal tem um papel central), de obediência e pobreza. Insistiu que os “conselhos evangélicos” exprimem a identidade do sacerdote com Cristo. A partir de alguns números da “Pastores Dabo Vobis”, fez uma pequena reflexão sobre cada um dos votos.

Celibato sacerdotal – é um dom que deve ser vivido como novidade libertadora e testemunho escatológico. Através do celibato, entregamos a Cristo a totalidade da nossa vida. Requer observância da castidade em continência perfeita, de modo a dedicarmo-nos mais livremente ao serviço de Deus e dos homens. Mas exige uma atenção constante, através de uma profunda vida espiritual, oração humilde, direcção espiritual, higiene física e mental.

Obediência. Obedecer faz parte das relações humanas. Sem obediência a organização social seria uma anarquia total. A obediência tem, pois, um sabor doce e amargo. Doce, porque através dela organizamos a nossa vida social; amargo porque implica também renúncias, a negação da minha vontade, muitas vezes.

Viver a obediência a partir dos valores evangélicos significa procurar não a própria vontade, mas a vontade daquele que nos enviou. A cruz é o símbolo máximo de liberdade e obediência. Cristo amou até ao fim, aceitando com toda a liberdade a vontade do Pai, até à morte, e morte de cruz. Também aqui Cristo é o nosso modelo.

A obediência é uma exigência comunitária e implica corresponsabilidade, exigindo, ao mesmo tempo, uma notável ascese.

Como sacerdotes, nunca podemos esquecer que, no dia da ordenação, prometemos obediência ao Bispo e legítimos superiores. Daí que devemos procurar sempre ter um grande sentido de obediência, embora sem nunca perder o nosso sentido crítico, de modo a que esta seja, ao mesmo tempo, afirmação de liberdade e corresponsabilidade.

Pobreza. A pobreza de Jesus tem uma finalidade salvífica. Jesus fez-se pobre para nos enriquecer com a sua graça. Fez-se pobre para nos mostrar que o seu Reino

não se constrói adorando bezerros de ouro, mas no serviço aos irmãos. Fez-se pobre para nos dizer que os bens são valores instrumentais e não essenciais.

Por isso, ser sacerdotes à imagem de Jesus implica ser pobres com ele, ao serviço de uma Igreja pobre e onde a Boa Nova é anunciada aos pobres.

Ser pobre, implica uma vida austera, na consciência de que os bens são para servir o Reino e não as nossas ambições pessoais. Exige também uma cultura de transparência, sem medo de prestarmos contas ao Povo de Deus que servimos.

AUTO-SUSTENTABILIDADE

Numa segunda parte, reflectimos sobre a autossustentabilidade dos sacerdotes. Para isso, o Bispo da Diocese deu algumas informações sobre a realidade económica que esta vive:

1. A Diocese vive uma situação económica de grande precariedade, uma vez que não tem fontes de receita;
2. Tem vivido das verbas que se foram conseguindo acumular ao longo dos anos passados. Entretanto com a diminuição de ajudas e aumento das despesas, bem como o fim de rendimentos bancários, a situação complicou-se. Uma das ajudas importantes foi sempre a que vem das Obras Missionárias Pontifícias, mas que agora é apenas uma pequena verba e com tendência a diminuir. Mesmo projectos apoiados por Organizações internacionais, são motivo de endividamento da Diocese, já que sempre se exige uma contra-partida local que acaba por sair das verbas da Diocese.
3. Por isso o presente já é aflitivo e o futuro revela-se muito problemático, neste campo.

Perante esta realidade, como meios para criar a autossustentabilidade dos sacerdotes, ponderou-se:

1. Trabalhar na boa gestão dos meios que se tem;
2. Apostar num estilo de vida austero e equilibrado;
3. Implementar a Pastoral do Dízimo;

4. Procurar uma gestão aberta e transparente, que motive as pessoas a ajudarem mais e a envolverem-se nos nossos projectos;
5. Fomentar mais os encontros entre os sacerdotes onde se discuta com toda a verdade a situação económica da Diocese;
6. Instituir o “Fundo de Sustentação do Clero”, segundo a modalidade que se ache adequada”, promovendo a solidariedade sacerdotal e entre as paróquias, com as mais ricas a ajudarem as mais pobres.
7. Criar fontes de rendimento: Livraria, Escolas, uma Universidade, etc.
8. Melhor dinamização da Rádio Jubilar de modo a atrair patrocinadores;
9. Tentar fazer render os nossos espaços, nomeadamente os salões paroquiais;
10. Ajudar o bispo, dinâmica e criativamente, a desenvolver projetos de sustentabilidade da Diocese.

Dia 27 de Março (quarta-feira)

“A Eucaristia, centro da vida do sacerdote”

D. José Imbamba, na sua reflexão, salientou a Eucaristia como o centro da vida do sacerdote, é a fonte e a meta. É a presença real de Cristo, raiz do nosso sacerdócio. Não se percebe a vida da Igreja e do sacerdote sem a Eucaristia. Um sacerdote que não ame a Eucaristia, que não celebre diariamente a Eucaristia não vive com verdade o seu sacerdócio. A Eucaristia não pode ser, de maneira nenhuma, mais uma das muitas coisas que o sacerdote está chamado a fazer diariamente, mas o centro da sua vida. Uma Eucaristia celebrada e adorada. É importante que o povo veja, a partir do modo como o sacerdote celebra, o amor e a fé deste na Eucaristia. Que o sacerdote perca tempo a adorar o Santíssimo e proporcione momentos de adoração por parte do povo.

Apontou também algumas sombras:

1. A falta de preparação prévia da liturgia;
2. A desvalorização da adoração eucarística nas paróquias;

3. Abusos litúrgicos (excessos ou desvios nas homilias, ofertórios longos);
4. Redução da celebração a um encontro convivial;
5. Esquecimento da função ministerial do sacerdote
6. Profanações, banalizações, actos que lesam a sacralidade deste sacramento.

Há necessidade de procurar:

1. O decoro e a sacralidade eucarística;
2. Que a música convide à celebração da fé;
3. Cultivar o silêncio eucarístico;
4. Cuidar a beleza e a dignidade dos lugares de culto
5. Viver a Eucaristia com Maria: obediência na fé, participação na paixão de Jesus Cristo, espiritualidade do Magnificat;
6. Fazer da Eucaristia lugar de encontro, de renovação, de fraternidade, de reconciliação, de comunhão.
7. Cultivar uma espiritualidade eucarística: uma espiritualidade oblativa, eclesial, ministerial e mariana.

Dos trabalhos de grupo sobressaíram as seguintes observações:

1. Necessidade de catequeses adequadas sobre a vivência da Eucaristia;
2. Há falta de um secretariado da Liturgia para regular os aspectos celebrativos e corrigir erros, bem como organizar tempos de formação litúrgica;
3. Há que cuidar melhor dos lugares ou espaços celebrativos a fim de sejam adequados para as celebrações;
4. Não manusear telefones durante os atos litúrgicos;
5. Criar silêncio, evitando diálogos desnecessários;
6. Procurar colmatar a lacuna da ausência de formação litúrgica e musical;
7. Organizar uma Jornada Diocesana sobre a Liturgia.

Sobre como ajudar os sacerdotes a viverem com autenticidade o seu sacerdócio, foi destacado:

1. O próprio sacerdote tem que começar por ajudar-se a si próprio, cultivando uma espiritualidade eucarística;
2. Cuidar a formação permanente dos sacerdotes;
3. Que o Bispo da Diocese acompanhe de perto, com solicitude, os seus sacerdotes;
4. Fomentar Jornadas de Oração pelas Vocações, nas paróquias da Diocese;
5. Momentos de convívios e de espiritualidade, que favoreçam a comunhão fraterna dos sacerdotes;
6. Repensar as modalidades dos encontros do Conselho Presbiteral, de forma a serem mais vinculativos e organizados;
7. Valorizar as concelebrações e orações conjuntas.